



A Representação do Transtorno do Espectro Autista no Seriado *Atypical*

João Ferreira Malafaia Macedo¹

Giselle Freire Borges Coelho²

RESUMO

A pesquisa busca analisar a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no seriado estadunidense *Atypical* (2017). Tendo como base alguns conceitos como os de estereótipo (FILHO, 2005), identidade e diferença (WOODWARD, 2000), representação (HALL, 1980) e neurodiversidade (BLUME, 1998 e SINGER, 1999), a pesquisa traça como a imagem do jovem com autismo, Sam Garner, é construída pelos elementos narrativos da série. Tendo em vista que o autismo é uma síndrome composta por múltiplas características, independentes entre si ou não, e diferentes graus de manifestação, a pesquisa analisa como o seriado retrata essas manifestações, se são exageradas, dramatizadas, engrandecidas ou diminuídas e por quê foram.

PALAVRAS-CHAVE

Autismo; Representação; Identidade; Estereótipo; *Atypical*

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), diz respeito a uma série de comportamentos, características e diagnósticos que estão presentes em uma em cada 160 crianças do mundo. Esta é uma estimativa que representa o valor médio encontrado em múltiplos estudos. Algumas pesquisas bem controladas têm, no entanto, relatado números que são significativamente mais elevados.

Não existem dados recentes e numerosos sobre o TEA no Brasil, apenas um estudo-piloto de 2011, coordenado pelo psiquiatra Marcos Tomanik Mercadante na cidade de Atibaia, que chegou ao número de uma criança com TEA para cada 367 neurotípicas.

O TEA consiste em uma síndrome que pode se manifestar no comportamento, nas experiências sensoriais, nas funções motoras e, principalmente, nas funções sociais dos diagnosticados.

De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM - 5* (2014), as principais características que permitem o diagnóstico de pessoas no espectro autista estão separadas em dois critérios (A e B). O primeiro se refere ao efeito do transtorno na comunicação e interação social do

¹ Estudante de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Iniciação Científica no grupo de pesquisa de Estudos Culturais na Comunicação Contemporânea. E-mail: j.malafaia02@gmail.com.

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero (FCL), e graduada em Jornalismo pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO-UFRJ. Email:freire.giselle@gmail.com.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

indivíduo, como o atraso da fala; a comunicação não verbal deficiente; o contato visual mínimo; pouco interesse por amizades; a capacidade de compreensão emocional e empática reduzida; e a dificuldade de entender expressões não literais, como o sarcasmo, a metáfora e a ironia. O segundo critério abrange comportamentos repetitivos e viciados, como o agitar incessante dos braços; o balançar do corpo para frente e para trás; a ecolalia; rituais alimentares; e comportamentos autolesivos, como se morder ou bater a própria cabeça contra superfícies.

O TEA e as pessoas no espectro autista são, normalmente, classificados em três categorias de níveis (1, 2 e 3) que são chamadas de leve, moderado e grave. A partir dessas categorias, é possível verificar a abundância de características e identidades presentes no espectro autista. O primeiro nível, leve, abrange a Síndrome de Asperger. O nível moderado, segundo, é o que é observado com mais frequência, abrangendo o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, o Transtorno Autista em si e a Síndrome de Rett. O terceiro nível, grave, abrange o Transtorno Desintegrativo da Infância, transtorno raro e sem possibilidade de tratamento ou recuperação, acometendo duas a cada 100.000 crianças.

Com base em estudos epidemiológicos avançados, expostos pela Folha Informativa sobre o Transtorno do Espectro Autista e realizados no decorrer dos últimos 50 anos, os diagnósticos de TEA parecem estar aumentando. Esse aumento pode se dar, principalmente, pela maior conscientização sobre o transtorno e à expansão dos diagnósticos, sendo assim um aumento na confirmação dos casos, e não dos casos em si.

Com o aumento da conscientização e, conseqüentemente, do número de diagnósticos, há também um interesse maior sobre as Representações Sociais do autismo e da necessidade de representatividade³. Afinal, é pela representação na sociedade, principalmente na mídia e no entretenimento, que esse tema é exposto a um maior contingente de pessoas, que acabam por criar o seu repertório e seu entendimento sobre o que é o TEA.

Nos últimos anos, então, é possível ver como a cultura do entretenimento, com suas séries, filmes e telenovelas, vem abordando esse tema com mais frequência. Seja em narrativas paralelas à narrativa principal, como na telenovela brasileira *Amor à Vida* (2013), ou em séries como as estadunidenses *Parenthood* (2009) e *Atypical* (2017), onde o TEA faz parte da trama principal.

Atypical é um seriado estadunidense de comédia dramática, escrito e dirigido por Robia Rashid, produzido e veiculado pela plataforma Netflix. Estreando dia 11/08/2017, a série conta a história de Sam

³ Pesquisando a palavra-chave *autism* na plataforma **WorldCat**, uma agregadora de catálogos de bibliotecas do mundo todo com livros, filmes, produções audiovisuais e periódicos, observamos um aumento gritante de materiais produzidos no ano de 2000, 2.669, e 2019, 25.499. Disponível em: <<https://www.worldcat.org/search?q=kw%3Aautism&fq=yr%3A2000+%3E&qt=advanced&dblist=638>> e <<https://www.worldcat.org/search?q=kw%3Aautism&fq=yr%3A2019+%3E&qt=advanced&dblist=638>>. Acessado em 07 out. 2020



Gardner (Keir Gilchrist), um jovem com Transtorno do Espectro Autista, sua convivência com amigos, família e namorada, e a busca pela independência, seja ela econômica, social e/ou emocional.

A série entrou para o catálogo de sucessos da Netflix por ter um clima leve e descontraído, mas dando relevância e mostrando a importância sobre a discussão do tema. Logo que foi lançada a primeira temporada, ela foi abraçada e aplaudida por muitos⁴, por trazer o tema de maneira explícita e não subjetiva, como algumas produções fizeram. Mas também foi criticada por trazer poucas pessoas com TEA no elenco e na produção⁵.

De acordo com a OMS, pessoas com transtorno do espectro autista ainda são frequentemente sujeitas à estigmatização, discriminação e violações de direitos humanos, apesar dos esforços da organização e de entidades que trabalham para a proteção dos direitos das pessoas no espectro autista.

Este artigo busca analisar a representação do TEA e da construção de uma possível identidade do autismo através de cenas do seriado *Atypical* onde a síndrome do personagem fica em evidência. Como base teórica, utilizo principalmente as noções de João Freire Filho sobre construções e representações midiáticas de minorias, as de Kathryn Woodward sobre identidade e diferença e as de Stuart Hall sobre representação.

Auto-identificação e identificação de outros

Seguindo a tendência de aumento do número de diagnósticos do TEA, cresce também o número e a necessidade de mais pessoas se verem representadas, principalmente na indústria da cultura, e outras tantas dispostas a abordar a temática do TEA.

O que vemos retratado na mídia de massa, comumente, tende a beirar o que, de acordo com João Freire Filho, é a construção do que deveríamos ser e de como deveríamos enxergar o mundo.

As indústrias da cultura fornecem descrições textuais e visuais daquilo que é conveniente em matéria de personalidade, aparência, conduta moral e cívica, postura política, relacionamento afetivo e comportamento sexual a partir dos quais os consumidores podem construir o seu senso do que significa ser “moderno”, “civilizado”, “cidadão”, “vitorioso”; “atraente”, “cool”, “in”, “fashion”(Filho, 2005, p. 21).

Assim, a indústria cultural, através de textos, reportagens, filmes, comerciais e programas de TV, cria essas condições classificatórias que delimitam e facilitam a união de todos os ditos “normais” em uma ‘comunidade imaginária’, ao mesmo tempo em que excluem tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo

⁴ CHANEY, Jen. *Atypical Is a Sensitive Look at Life With Autism*. **Vulture**, 10 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.vulture.com/2017/08/atypical-review.html>>. Acesso em: 28 set. 2020.

⁵ MURRAY, Noel. *My teen son has autism. Here's what Netflix's new dramedy Atypical gets wrong*. **The Week**, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://theweek.com/articles/716821/teen-son-autism-heres-what-netflixs-new-dramedy-atypical-gets-wrong>>. Acessado em 28 set. 2020.



que é “diferente” (Freire Filho, 2005). Há sempre uma tendência de identificação do que é normal, aceitável ou corriqueiro, o que acaba delimitando também aquilo que não se encontra dentro desses limites, o outro.

Para entendermos a subjetividade, ou objetividade, do outro, precisamos entender no que ele se difere de nós. A identidade é “relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (Woodward, 2000, p. 13). É a partir da noção que temos sobre nós que criamos a noção de quem é o outro e vice-versa, mas, mais importante ainda, compreendemos em quais aspectos o outro se difere de nós.

A identidade depende de algo externo para existir, algo que ela certamente não é, mas que fornece as condições para a sua existência e identificação. É através dessa dicotomia nós/eles; homem/mulher; sagrado/profano; e, como é o caso deste artigo, neurotípico e “neuroatípico” que reconhecemos a nós mesmos, reconhecemos os outros, nos e os colocamos em determinadas classificações. Nós entendemos quem somos porque sabemos que não somos os outros, seja pela nossa raça, pela nossa nacionalidade, nossa classe, nosso sexo, nosso credo ou qualquer outro que difira o eu do outro. A identidade é marcada pela diferença (Woodward, 2000).

Representações

A representação, neste artigo, diz respeito à forma como nós e os outros somos vistos, compreendidos, ou não, e traduzidos pela indústria cultural e suas produções midiáticas, sejam elas textos, vídeos, áudios, filmes ou seriados, como é o caso deste artigo.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Woodward, 2000, p. 28).

Para que representações midiáticas sejam assimiladas pelo público e tenham algum efeito representativo, é preciso que elas produzam algum sentido. “O sentido depende da relação entre as coisas do mundo - pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais - e do sistema conceitual” (Hall, 1980). É através da nossa convivência com o mundo, com experiências prévias e, afinal, do nosso repertório, que damos sentido às representações midiáticas que temos contato todos os dias. “Uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhada e, então, criar um mundo social que habitamos juntos” (Hall, 1980).

Juntamente com o repertório que possuímos, a linguagem que uma mensagem é passada também interfere na sua produção de sentido e, posteriormente, no tipo de representação oferecida.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos - para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura (Hall, 1980, p. 18).

Então, quando falamos da linguagem utilizada em uma produção audiovisual, como é o caso do objeto desta pesquisa, falamos de

Quanto espaço os representantes desses grupos ocupam na tela? São vistos em *close* ou somente em tomadas a distância? Com que frequência aparecem e por quanto tempo? São personagens ativos, atraentes ou suportes decorativos? A técnica cinematográfica nos faz nos identificar mais com um olhar do que com outro? Quais olhares são recíprocos ou ignorados? Como o posicionamento dos personagens transmite distância social ou diferenças de status? Quem é frente e centro? Como a linguagem corporal, a postura e a expressão facial comunicam hierarquias sociais, arrogância, servilidade (sic), ressentimento, orgulho (Shohat e Stam, 1995, p. 80, apud Freire Filho, 2005, p. 26)?

A linguagem no audiovisual não está restrita somente ao roteiro, às falas das personagens e à narração, quando ela existe. Ela também é afetada pelo enquadramento das cenas, pelo tempo de tela de cada personagem, pelo tipo de figurino utilizado, pelos cortes, sons e todos os efeitos de pós-produção aplicados para dar, enfim, sentido à essa linguagem.

É através desse tipo de linguagem que, então, damos sentido às representações. “É assim que você ‘toma sentido’ das pessoas, dos objetos e acontecimentos, e é desta maneira que você é capaz de expressar um pensamento completo sobre coisas para outras pessoas, ou de se comunicar a respeito delas” (Hall, 1980, p. 36).

Ou seja, muito além de uma simples recriação da realidade reproduzida e adaptada pela indústria cultural, as representações são as formas pelas quais nós podemos assimilar o mundo ao nosso redor.

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero. Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o “novo homem” das décadas de 1980 e de 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso (Woodward, 2000, pp. 17 e 18).

Sucintamente, a “representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem” (Hall, 1980). Mas, por tratarmos de um discurso que está em constante renovação e que é propagado para, recebido e, portanto, interpretado por uma miríade de espectadores com diferentes construções, experiências e repertórios, o sentido dessa representação nunca é fixo ou o mesmo para todos.

O sentido deve ser ativamente “lido” ou “interpretado”. Consequentemente, há uma imprecisão necessária e inevitável sobre a linguagem. O sentido que nós captamos, como espectadores, leitores ou público, nunca é exatamente o sentido que foi dado pelo interlocutor, escritor ou pelos outros espectadores (Hall, 1980, p. 60).



Devido a isso, há uma tendência por representantes da indústria cultural, como visto em **Auto-identificação e identificação dos outros**, de serem criadas classificações mais rígidas e de fácil compreensão do público, para que os sentidos e as representações sejam, então, universais.

Estereótipo, estigma e diferença

Nas produções da indústria cultural, o que nos é dado de linguagem para podermos construir sentidos e, assim, a representação da imagem do outro, não é necessariamente a, ou toda a, verdade. Por se tratar de uma reprodução da vida real, como a série *Atypical*, as “personagens são como reflexo da pessoa, mas, também, como uma construção sob certas especificidades discursivas” (Coiro-Moraes, 2013). Ou seja, há a dramatização para que aquela personagem, ou aquela história, se encaixe em uma narrativa ficcional.

No livro *The Anatomy of Story* (2007), John Truby explica que “estórias não mostram o ‘mundo real’; elas mostram o mundo da estória. O mundo da estória não é uma cópia da vida em si. É a vida como os seres humanos imaginam que ela possa ser. É a vida humana condensada e aumentada para o público entender melhor como ela funciona” (Truby, 2007, tradução livre)

Dessa maneira, existem recursos, como os estereótipos, que simplificam as personagens para deixá-las mais críveis, dramáticas e fáceis de serem compreendidas. Um estereótipo funciona, primeiramente, como “um modo necessário de processamento de informação, sobretudo em sociedades altamente diferenciadas” (Lippmann, 1965). Entretanto, mesmo que sirvam como um simplificador e organizador de identidades e do mundo social em si para mais fácil e melhor compreensão da diversidade, seja ela racial, clínica, sexual, identitária ou étnica, os estereótipos também

[...] ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais (Freire Filho, 2005, p. 22).

Os estereótipos propostos por representantes da indústria cultural, então, ao passo que servem para simplificar identidades e torná-las mais fáceis de serem processadas e entendidas, principalmente em sociedades globalizadas e plurais, também engessam os processos de compreensão das diferentes realidades. Assim, são criados moldes identitários dentro dos quais as representações se encaixam.

Relacionado com estereótipos, há também os estigmas. Um estigma é “um atributo depreciativo que ultrapassa a marca física ou intelectual, pessoal e singular, para um espectro coletivo” (Goffman, 1988). Como os estereótipos, mas de uma maneira mais pungente, o estigma é um atributo que define uma



pessoa, ou um grupo de pessoas, para todo um coletivo, seja esse atributo socialmente aceito e visto como uma qualidade ou não.

Esse atributo estigmatizado é o que mais difere a pessoa ou o grupo. Para Goffman, o estigma é o vínculo entre o atributo e o estereótipo. Ou seja, é a partir da noção que aquele atributo diferencial existe que se constrói um estigma definidor de toda a subjetividade da pessoa ou do grupo.

“Os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos” (Freire Filho, 2005). Quando a linguagem usada na indústria cultural reforça esses atributos, a representação da pessoa ou do grupo se restringe a uma única característica estereotipada e estigmatizada, que define toda a subjetividade da pessoa ou grupo.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (Woodward, 2000, p. 19).

Os estigmas e estereótipos marcam, então, o principal atributo que tornam uma pessoa, ou grupo, diferentes. Como Kathryn Woodward (2000) expôs, a identidade é marcada pela diferença e, quanto mais gritante é essa diferença, mais entendemos quem somos e quem é o outro. “Algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (Woodward, 2000).

Críticas à série

A série, ao ser lançada, foi abraçada pelo público geral, mas dividiu opiniões entre os veículos de notícias especializados na indústria do entretenimento. O site estadunidense *Vulture* chamou a série de “um olhar sensível e sensível sobre o autismo”, enquanto artigos publicados nas também estadunidenses *The Week* e *Teen Vogue*⁶ apontaram alguns acertos, mas muitos erros cometidos pelo seriado.

De acordo com ambos os artigos, um escrito por um ator com TEA, Mickey Rowe, e outro pelo pai de um adolescente com TEA, Noel Murray, a série faltou com pessoas de no espectro no processo de criação, bem como no elenco, que conta com um único ator no espectro autista na primeira temporada. Para eles, por mais que algumas cenas se assimilassem à realidade, isso não apagava a falta de representatividade por detrás das câmeras.

⁶ ROWE, Mickey. Netflix's "Atypical" Was a Major Disappointment for Autism Representation. **Teen Vogue**. 8 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.teenvogue.com/story/netflix-atypical-autism-representation>>. Acessado em 2 out. 2020.



Essa foi uma questão ouvida e melhorada pelos produtores da série nas temporadas seguintes⁷. Para a segunda e terceira temporadas, Rashid trouxe um autor especialista no espectro autista, David Finch, para ajudar no roteiro e na construção da personagem principal, Sam, além de trazer inclusão de atores com TEA no elenco, que fazem parte de um grupo do colegial, mostrando diferentes, possíveis e reais vozes no espectro autista.

Sam Gardner e a representação da identidade de pessoas no TEA

Para analisar a representação do autismo e a construção de uma possível identidade de pessoas com TEA no seriado *Atypical*, relacionarei as teorias expostas anteriormente com a construção da personagem principal e com cenas do seriado. As cenas escolhidas para serem analisadas foram aquelas nas quais a identidade de Sam, enquanto relacionada ao TEA, são expostas ao público e usadas como definidoras de quem ele é.

O TEA é um transtorno que possui múltiplas características e classificações. As manifestações, mesmo dentro dos três níveis expostos na introdução, são independentes entre si e podem aparecer ou não nos diagnosticados. Por isso, o termo neurodiversidade⁸ vem ganhando espaço na comunidade no espectro autista.

Tal termo, ampliado e explicado por Judy Blume no ensaio “*Why can't you be normal for once in your life?*” *From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference*”, explica a miríade de pensamentos, realidades e capacidades cognitivas dentro do TEA. Assim, é impossível que uma representação seja totalmente fiel ou aplicável à comunidade TEA inteira, o que existe são representações parciais da neurodiversidade presente no movimento.

Assim, a série constrói a identidade de Sam Gardner em relação a si mesmo com características marcantes e que condizem com o que é observado em pessoas com TEA. Ele é um adolescente extremamente organizado e metódico, que mantém anotações, em volumes de diários, sobre o seu dia a dia. Além disso, Sam é muito interessado em assuntos relacionados ao mundo animal, principalmente com pinguins, o que é quase uma fixação. Isso é comum em pessoas com TEA, elas podem falar demorada,

⁷ LUTERMAN, Sara. How Season 2 of 'Atypical' Improves the Show's Depictions of Life as an Autistic Person. **The New York Times**. 11 set. 2018, Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/11/arts/atypical-season-2-autistic-depiction-improvements.html>>. Acessado em 3 out. 2020.

⁸ Termo primeiramente cunhado e publicado por Harvey Blume em “Neurodiversity: on the neurological underpinnings of geekdom.” **The Atlantic**. Set. 1998. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1998/09/neurodiversity/305909/>>. Acessado em 10 out. 2020.



confusa e repetidamente sobre seus objetos ou assuntos prediletos, normalmente num tipo de monólogo ou conversa alheia à que acontecia⁹.

Sam tem poucos amigos e seus contatos se resumem, durante a série, à família, ao melhor amigo Zahid (Nik Dodani), à namorada Paige (Jenna Boyd) e a sua psicóloga Julia (Amy Okuda). Na primeira temporada, ele é mostrado como um adolescente bastante dependente, principalmente da mãe, Elsa (Jennifer Jason Leigh). De início, ela se opõe à ideia de Sam começar a namorar, por sentir que ele não está preparado, e na segunda temporada ela se mostra contra ele ir à faculdade, por achar que ele não se adaptaria. Essa emancipação de Sam em relação à mãe acontece aos poucos no decorrer da série.

Sam também é posto como um jovem que receia mudanças. É comum para jovens no espectro autista viverem com uma rotina regrada e até ritualística, o que pode se espelhar até na dieta que eles seguem. A personagem se mostra receosa a mudanças na sua vida, como começar a faculdade, mudar de psicóloga, lidar com a separação dos pais e até, em um episódio em especial, não seguir o ritual de aniversário da irmã, Casey (Brigett Lundy Paine), com medo de que aquilo acarrete em alguma desfortuna, como a morte da tartaruga de estimação.

Em paralelo a essas características que estão atreladas ao TEA, Sam também apresenta questões comuns para um garoto da sua idade. Durante a série, muitas questões típicas da adolescência e que normalmente aparecem em outras produções audiovisuais são abordadas, como a perda da virgindade, a necessidade e o medo de pensar num futuro além da escola, o *bullying*, a perda de amigos e de pessoas importantes.

Por meio das noções de Identidade e Diferença de Kathryn Woodward, podemos dizer que a série constrói as características de Sam que tanto o diferem quanto o aproximam de adolescentes neurotípicos. A identidade de Sam, sendo relacional, é construída pelo receptor da mensagem, nesse caso o público que assiste a série, pelos pontos em que ele é diferente e pelos pontos em que ele se assemelha às narrativas já conhecidas sobre a vida adolescente.

Mesmo com esse contraponto, no qual a narrativa dele se assemelha às narrativas de outros filmes e séries adolescentes, onde ele se encaixa no tal “normal”, Sam é retratado em primeiro lugar como o “outro” porque, estando no espectro autista, ele demonstra comportamentos que não se encaixam no dito “normal”: habilidades sociais pouco desenvolvidas, poucos amigos, obsessão por pinguins e comportamento metódico.

⁹ SOLOMON, Andrew. **Longe da Árvore: Pais, filhos e a busca da identidade**. Editora Companhia das Letras, 2013. p. 266



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

A identidade é marcada pela diferença (Woodward, 2000), então mesmo que hajam questões que permitam a identificação de Sam com adolescentes neurotípicos, o que grita são as características que o diferem deste grupo. A identidade de Sam é construída não necessariamente no que o TEA é, mas em como ele se difere do comportamento tido como “normal”.

O rótulo do que é ser uma pessoa com TEA pode variar muito, tendo em vista que é um transtorno com diferentes níveis e que pode se manifestar de diferentes maneiras nas pessoas diagnosticadas. Entretanto, o que pode ser observado em seriados como *Touch: Visões do Futuro* (2012) e *The Good Doctor: o Bom Doutor* (2017) e na telenovela *Amor à Vida* (2013) as representações do TEA tendem a estar em lados opostos da balança: ou trata-se de uma pessoa muito debilitada, dependente e incompreensível, como é o caso de Linda (Bruna Linzmeyer) na telenovela, ou é algum gênio extraordinário, o caso de Jacob Bohm (David Mazouz) em *Touch*, e Dr. Shaun Murphy (Freddie Highmore) em *The Good Doctor*.

Em *Atypical*, a história tenta quebrar essa inflexibilidade dos estereótipos ao colocar Sam como um adolescente pouco extraordinário e que vai cursar artes na universidade. Buscando trazer ainda mais vozes e, novamente, numa tentativa de quebrar essa rigidez e simplificação de subjetividades proposta pelos estereótipos (Freire Filho, 2005), a série também traz mais personagens, interpretadas por atores no espectro autista, para fazer parte de um grupo de apoio da escola de Sam, nas segunda e terceira temporadas.

No terceiro episódio da primeira temporada, em uma tentativa de se vestir de maneira mais descolada para tentar atrair garotas, já que parte da trama envolve a busca dele por uma namorada, Sam compra uma jaqueta de couro com fivelas de metal. Ao tentar assistir à aula, Sam se sente desconfortável com a jaqueta: ela o aperta, limita o movimento dos seus braços, o couro faz um barulho irritante quando dobra e se esfrega contra si mesmo e a fivela fica batendo na sua cadeira. A situação se torna tão insuportável para a personagem que Sam acaba arrancando a jaqueta, furiosamente, e jogando-a no lixo.

Para a construção dessa cena e criação do que sente Sam ao vestir aquela jaqueta de couro, são usados efeitos sonoros que aumentam o barulho do couro e da fivela batendo na cadeira, causando uma cacofonia insuportável para o espectador. Além disso, há uma narração por cima, que compara a situação com a sensação de uma cobra ao mudar de pele. Comparações como essa, com a vida de animais, são frequentes na série, tendo em vista que Sam é um entusiasta da biologia.

“Muitos [indivíduos no espectro autista] acham insuportáveis pequenos incômodos como etiquetas de roupa. É frequente ficarem desconcertados com coisas que agradam à maioria das outras pessoas” (Solomon, 2011, p. 266).



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

É possível relacionar essa cena com as noções de linguagem, sentido e representação, de Stuart Hall (1980), e com a construção da linguagem e da representação no audiovisual de Shohat e Stam (1995). A linguagem, no audiovisual, não se limita às falas e/ou à narração, ela também está, nesse caso, relacionada ao figurino, à edição da luz e do som nas cenas.

Assim, ao aumentar e repetir os sons do couro amassando e da fivela de metal batendo, a série cria uma verdadeira sinfonia de barulhos insuportáveis para os receptores da mensagem, numa tentativa de recriar o que aquela personagem sente. A linguagem usa de signos e símbolos, incluindo os sonoros e não verbais, para passar uma mensagem carregada de sentidos capazes de representar ideias e sentimentos (Hall, 1980).

Mas como os sentidos criados a partir dessa mensagem são diversos, afinal, os receptores possuem repertórios diferentes e que influenciam na construção desses sentidos, o seriado utiliza efeitos de som e iluminação para fixar a mensagem principal: ele é diferente de você, é assim que ele percebe o mundo e essa situação, por menor que ela possa parecer para você, o incomoda.

Ao mesmo tempo que essa cena trabalha a diferença de Sam, no caso as diferentes maneiras do ambiente ao redor o afetar, ela também aproxima o espectador através do código usado para passar a mensagem. As luzes e sons ajudam a recriar, na medida do possível e de maneira dramatizada, a experiência de uma forma que pessoas neurotípicas possam compreender também como aquela experiência pode se dar.

Em uma outra cena na mesma temporada, agora no segundo episódio, Sam está realizando uma pesquisa sobre “como roubar a mulher de um cara” e, para isso, faz perguntas a um grupo de adolescentes da sua escola. Nesse contato com os outros adolescente, as características que diferenciam Sam dos jovens neurotípicos ficam mais gritantes. Ele explica, na frente do grupo, que escolheu uma das meninas da roda, Bailey (Ariela Barer), para fazer as perguntas porque ela seria o “objeto de pesquisa perfeito por ser uma vagabunda”. Há uma reação geral do grupo, com risadas, e eles começam a fazer perguntas para Sam, todas relacionadas a sexo mas sem eufemismos e metáforas, enquanto as risadas e os insultos aumentam e causam, novamente, uma cacofonia desnorteadora.

Essa cena mostra, primeiramente, a falta de habilidades sociais que muitas pessoas no espectro autista apresentam. Pessoas com TEA tendem a ter uma capacidade de compreensão emocional e empática reduzida, por isso Sam não vê problemas ao se referir à Bailey como uma vagabunda na frente dos colegas. "Um site na internet criado por um homem com síndrome de Asperger [síndrome dentro do TEA] explicou que empatia é ‘conseguir adivinhar o que outra pessoa está sentindo’" (Solomon, 2011).



De acordo com uma parcela das pessoas no espectro autista, a empatia seria um exercício ativo de adivinhação, ao invés de um sentimento, como experimentado por neurotípicos. Entender o que são sentimentos e como eles se expressam no rosto de uma pessoa é um exercício para aqueles com TEA. Em *Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger* (2008), John Elder Robison fala nas muitas horas dedicadas na frente do espelho e assistindo pausadamente filmes na intenção de memorizar expressões humanas e poder não só interpretá-las, mas expressá-las. Isso é trazido também na série quando, ao revirar umas caixas antigas, Elsa encontra cartilhas com desenhos de expressões que usava para educar Sam.

Voltando para a cena em análise, pessoas no espectro autista apresentam dificuldades para entender expressões não literais, como metáforas e eufemismos, por isso Sam não compreende ou confunde o significado do que os adolescentes na roda falam para zoá-lo.

Nessa cena, fica bem claro quem são os ditos “normais” e quem é o “outro”. Por mais que ela seja construída para que sintamos empatia por Sam por conta do *bullying* que sofre, o espectador neurotípico é posto para se identificar com um grupo: o dos que têm habilidades sociais e que compreendem metáforas e eufemismos.

A identidade, sendo relacional (Woodward, 2000), se baseia na diferença. Pessoas neurotípicas, umas mais e outras menos, têm habilidades sociais desenvolvidas. Ao serem postas de frente com um transtorno que afeta principalmente as funções sociais de uma pessoa, é inevitável um estranhamento. É inevitável que pessoas neurotípicas, ao assistirem à cena, se compadeçam de Sam, uma percepção talvez capacitista¹⁰, por já terem sofrido *bullying* na escola ou por pura empatia, mas a relação de identificação é com aqueles cujas características sociais se assemelham às suas próprias. Assistir a esse trecho pode até causar um certo desconforto, porque sabemos que Sam está sendo “zoad”: e que a reação dele a isso não é o que esperamos de uma situação como essa.

Em relação à pós-produção, acontece nessa cena o mesmo que na primeira. Quando os outros adolescentes começam a rir e a falar um por cima do outro sobre Sam, os sons aumentam e se confundem, criando um ambiente caótico. Pessoas no espectro autista podem ser muito sensíveis a espaços cheios ou com muito barulho, e é esse tipo de ambiente que a cena recria, novamente com o objetivo de, através da linguagem do audiovisual, passar o sentido de que aquele ocorrido, por mais banal que possa ser para pessoas neurotípicas, incomoda profundamente Sam, uma pessoa com TEA.

¹⁰ A teoria capacitista alega que pessoas com deficiência são vistas como não iguais, pouco aptas e até incapazes de tomar decisões sozinhas e cuidarem das próprias vidas. A teoria defende que a sociedade vê as pessoas com deficiência como um tipo inferior de ser humano, necessitado de pena e carente da vida como um todo. (Campbell, 2008)



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Essas cenas com efeitos de pós-produção que buscam retratar, em uma linguagem audiovisual, o que algumas pessoas no espectro autista sentem e pensam quando expostas a situações desconfortáveis atingem o seu auge no oitavo e último episódio da primeira temporada. Nele, Sam declara para a sua psicóloga que está apaixonado por ela e Julia, num momento impensado, acaba gritando com Sam e reagindo de maneira pouco profissional, expulsando o menino do consultório.

Sam então, ainda na volta para a casa, começa a reagir a tais palavras. Ele começa com um tique de puxar um elástico entre os dedos, enquanto repete várias vezes os nomes de quatro espécies de pinguins antárticos em ordem alfabética. Além dessa ecolalia, ele também se balança para frente e para trás, num movimento bastante caricato a pessoas no espectro autista. Esse movimento vai aumentando gradualmente, até o ponto em que ele bate incessantemente as costas na lateral do ônibus. Comportamentos autolesivos como este, em situações de desconforto, são comuns entre pessoas com TEA.

Nesta cena, apesar dos seus esforços para se acalmar, os problemas internos causados pela reação de Julia acabam se misturando com agravantes externos: o barulho das buzinas e das pessoas na rua, o som repetitivo do ônibus que ele pega para casa e o metal da pulseira de uma das passageiras. Isso resulta em Sam tendo uma crise, que o deixa deitado no chão do ônibus e sem reação, apenas repetindo palavras desconexas e sem sentido, à espera da mãe, que parece ser a única capaz de lidar com a situação.

Essa cena traz o que pode ser considerado como um dos maiores estereótipos do TEA: o indivíduo descompensado e em crise, que se balança para frente e para trás, com movimentos desconfiados da cabeça e que repete, em meio a murmuros, palavras e frases fora de contexto e sem sentido.

Por mais que o mundo da estória não seja o mundo real, mas uma adaptação dele (Truby, 2008), as narrativas e mensagens passadas, criadas cuidadosamente com toda uma linguagem a ser interpretada, criam e dão sentido às pessoas, objetos e acontecimentos aos quais aquela narrativa diz respeito (Hall, 1980). Dessa forma, as estórias não retratam a vida real, mas criam o repertório e o universo simbólico base, sobre o assunto, para o receptor da mensagem entender e compreender aquele assunto, quando encontrado na vida real.

Essa cena é o clímax da primeira temporada. Todos os sete episódios anteriores são construídos na antecipação desse momento, é a cena mais marcante da série até aquele episódio. E é nesta cena que a representação do TEA está mais marcada pelo estereótipo clínico e pelo estigma (Goffman, 1988) do autismo. *Atypical*, sendo parte da indústria da cultura, também é capaz de escolher, difundir e legitimar rótulos (Freire Filho, 2005), escolhendo retratar na cena mais memorável da temporada o atributo estigmatizado mais usado para transformar a subjetividade do TEA em uma característica pouco flexível.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

No episódio final da segunda temporada há uma cena em que a diferença e a identificação de Sam como diferente fica bem marcada. Já nos últimos dias de aula, ao passar o anuário para ser assinado pelos colegas de sala, ritual comum em escolas dos Estados Unidos, o livro do protagonista volta com insultos. Ao redor da sua foto, foram rabiscadas as palavras *spaz*, *freak* e *weirdo* (retardado, aberração e esquisitão) por alguém que não se descobre quem é.

Essa cena é o encontro de Sam com a forma que algumas pessoas o enxergam. Como, a partir da noção que elas têm de fazerem parte do dito “normal” e, portanto, de donos da narrativa, ele faz parte do grupo de fora, do “outro” (Woodward, 2000). As palavras escritas reduzem a existência e subjetividade de Sam, são rótulos fáceis de serem percebidos e assimilados, que o colocam fixamente na posição do “outro” (Freire Filho, 2004).

Cenas como as descritas e analisadas, onde o TEA de Sam aparece como um determinante da sua identidade, são mais frequentes na primeira temporada. A história, nesta temporada, é mais focada em Sam e em sua vida enquanto pessoa no espectro autista. Enquanto, nas duas temporadas seguintes, as personagens que o rodeiam (família e amigos, principalmente) vão ganhando um arco narrativo próprio e se emancipando da dependência da personagem principal, o que acaba tirando um pouco do tempo de tela de Sam. Ele segue sendo o personagem principal, mas os personagens ao seu redor não têm histórias dependentes da trajetória dele. Ao mesmo tempo que Sam vai se tornando uma pessoa mais independente, as narrativas das personagens que o acompanham também se emancipam.

Através dessa forma de construir o enredo e, então, a linguagem (Shohat e Stam, 1995), a série passa a mensagem de como o personagem principal se emancipa e seus amigos e familiares podem desenvolver suas próprias narrativas. Casey explora a própria sexualidade, a crise no casamento de Elsa e Doug é trabalhada, Paige possui problemas na universidade e Zahid entra num relacionamento abusivo. Com a independência de Sam se desenvolvendo, a série passa a mensagem que a independência daqueles a sua volta, mesmo que já independentes, também aumenta.

Considerações finais

Criar uma representação fiel sobre o TEA é uma tarefa difícil. Não só porque estamos acostumados com uma visão estereotipada (Freire Filho, 2005) do assunto, mas também porque, como a ideia de neurodiversidade (Singer, 1999) defende, trata-se de um transtorno complexo e com manifestações independentes. Assim, nenhuma representação estaria à altura de toda a complexidade desta comunidade.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

A série apresenta a identidade (Woodward, 2000) parcial do autismo relacionada à identidade adolescente “universal”. Relacionando as vivências de Sam enquanto jovem de no espectro autista às suas vivências enquanto adolescente, o seriado cria também uma certa assimilação entre os ditos “normais” e os “outros”.

O seriado *Atypical* busca, através do roteiro, da construção do arco narrativo das personagens, e da pós-produção, mostrar o autismo de maneira mais próxima e até traduzida da audiência neurotípica. Dominando as formas de linguagem possíveis no audiovisual (Shohat e Stam, 1985) os produtores passam uma mensagem fácil de ser assimilada e da qual os espectadores tiram um sentido (Hall, 1980) bastante fixo: é dessa forma que o Sam, enquanto pessoa no espectro autista, enxerga o mundo.

O seriado, enquanto produto cultural e que precisa cativar uma audiência, entretanto, acaba por exagerar na dramatização do TEA. Em cenas em que o autismo de Sam é exposto ao público, a imagem clínica estigmatizada (Goffman, 1988) do que é o autismo, como um distúrbio incontrollável e distante, acaba sendo usada. São essas cenas dramatizadas que prendem os espectadores e, enfim, é a partir delas que eles podem identificar a série e o Transtorno do Espectro Autista em si.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BLUME, Harvey. Neurodiversity: On the neurological underpinnings of geekdom. **The Atlantic**, v. 30, 1998.

CAMPBELL, Fiona Kumari. "Exploring Internalized Ableism using Critical Race Theory." **Disability & Society** 23:2, 2008: 151–162.

COELHO, Giselle Freire Borges. Jornalismo, interpretação e compreensão: caminhos para inclusão de crianças com deficiências nas narrativas midiáticas. Programa de pós-graduação - mestrado em comunicação, Faculdade Cásper Líbero, 2018.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. As personagens-tipo da síndrome do protagonista midiático. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 12, n. 23, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, n. 23, p. 36-61, 2003.

DIAS, Adriana. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. **Anais do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência. São Paulo**, p. 5-14, 2013.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 28, p. 18-29, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. **Tradução: Mathias Lambert**, v. 4, 1988.

HALL, Stuart. O papel da representação. in. **Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Apicuri**, 2016.

LACERDA, Lucelmo. Luz, Câmera, Estereótipo-Ação! A representação do autismo nas séries de TV. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 193, p. 13-22, 2017.

ROBISON, John Elder. Olhe nos meus olhos: minha vida com a Síndrome de Asperger. Tradução Júlio de Andrade Filho. São Paulo: **Laurousse do Brasil**, 2008.

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? From a problem with no name to the emergence of a new category of difference. **Disability discourse**, p. 59-70, 1999.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Stereotype, realism and the struggle over representation. **Unthinking eurocentrism**, p. 178-219, 1994.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Editora Companhia das Letras, 2013.

TRUBY, John. **The anatomy of story: 22 steps to becoming a master storyteller**. Farrar, Straus and Giroux, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes**, p. 7-72, 2000.